



RENATO ROSENO

Advogado e ativista de Direitos Humanos

A solidariedade nata de um político cuja vitória das palavras sempre será maior que vencer nas urnas

Equipe de Produção:
Camila Magalhães
Livia Priscilla

Entrevistadores:
Camila Magalhães
Chloé Leurquin
Cinthia Freitas
Cláudio Lucas Abreu
Fernando Girão
Hugo Cardim
Livia Priscilla
Naiana Gomes
Pedro Borges

Fotografia:
Thamires Oliveira

Texto de abertura:
Hugo Cardim

Coragem: a vida pediu, ele deu. **Coerência:** o discurso pede, ele dá. **Vitória:** os eleitores pedirão e ele dará. Ao menos no campo da resistência política e protegido pelas muralhas de um sólido conhecimento, Renato Roseno de Oliveira deixa claro, mesmo que seja em entrelinhas: está preparado para ocupar um mandato público, ainda que essa lacuna no currículo não o impeça de ser reconhecido como uma das figuras políticas mais simbólicas do Ceará.

Jovem, alto, bonito, simpático, inteligente. Ele não tem defeitos? À primeira vista, à primeira conversa, não existem falhas evidentes. Ou melhor, ele não dá brechas para que as alcancemos. A fala cavalga firmemente num timbre de voz ao mesmo tempo macio e voraz, que não deixa espaços para que a interceptemos até que ela chegue ao destino final. Quem conseguir aplacar o turbilhão de saberes dele provavelmente encontrará o Renato mais humano, mais imperfeito, mas nem por isso menos admirável.

Reconhecendo um fenômeno de raro equilíbrio, à figura polida e respeitosa de Renato Roseno paradoxalmente acrescentamos adjetivos como simples e humilde. Polido quando se expressa, respeitoso quando se impõe, simples quando se faz entender seja qual for o assunto e humilde quando faz política. Humildade que se revela ao percebermos que ele tinha tudo para ter uma postura política capitalista, liberal, protecionista, afinal cresceu num tradicional colégio particular em Fortaleza e estudou num reduto de bem-nascidos da classe média alencarina, a Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará. De outro modo, Renato desde cedo escolheu nadar a contracorrente ao olhar para a margem esquerda da enxurrada de problemas que inundam a sociedade.

Nesta entrevista concedida com extrema cortesia, Renato fala das experiências de vida que o levaram para a política partidária, em especial para o lado socialista, e relembra os primeiros passos trilhados em campanhas eleitorais. Estão aqui algumas histórias de quem descobriu no poder da palavra a arma mais forte. Renato expõe as próprias ideias com olhar penetrante e argumentos mastigados macrobioticamente num didatismo que beira a prolixidade, mas jamais perde o interlocutor de vista.

A vida pessoal e o relacionamento com familiares são abordados com a mesma delicadeza com que ele é retratado pelos irmãos. A doçura, o altruísmo, o companheirismo relatados por eles na fase de produção são características facilmente percebidas na maneira com a qual Renato refere-se aos membros da família.

Os direitos humanos, em especial os da criança e do adolescente, são temas afetos às motivações de Renato. As injustiças sociais são para ele aquela pedra no sapato que ele insiste em calçar. Mesmo quando a caminhada é árdua, mesmo quando o percurso é longo, a passada que ele dá já está moldada na fôrma da solidariedade e as pegadas deixadas já demonstram o tanto de estrada que já conseguiu vencer. Afinal, ele não desliga. Ele se emociona. Ele aceita o mais duro dos embates, mesmo sabendo que "negar um encargo é maior que aceitá-lo".

Renato está pronto para o próximo papel eleitoral dele, seja qual for. Postura e posicionamentos políticos já estão marcados nas falas e atitudes. Quaisquer caminhos que ele escolha percorrer, se executivo, se legislativo, é certo que seus acolhidos terão à frente como representante um homem, se não perfeito, completamente empenhado em sê-lo.



Entrevista com Renato Roseno, no dia 29 de março de 2014.

Lívia – Renato, você encara a política de uma forma mais ampla que a tradicional. O que é política para você?

Renato – Política deve ser – e isso obviamente não é uma criação minha, não é uma reflexão minha, é *(uma reflexão)* de várias pessoas a partir das quais, pelo contato, pela leitura, acabam me influenciando –, é uma instância em que as expectativas sobre o mundo, sobre si estão colocadas em disputa. Todos nós temos expectativas sobre o mundo. Não ter expectativa já é a adoção de um determinado projeto, não é? Essas expectativas sobre o mundo estão colocadas. Ou seja, o que é que nós achamos que o mundo é? Qual é a nossa visão social? Por exemplo, nós achamos que o mundo é justo, ele é injusto, ele é igual ou desigual, ele poderia ser diferente, ele vai ser sempre assim, ele é uma fatalidade teológica, ele foi uma criação da transcendência ou ele é histórico? A política é a instância em que os seres humanos, na sociedade, estão em disputa, eles estão colocando exatamente a sua forma de organização. A questão é que nesta sociedade circunscreveu-se a política às eleições e às instituições, em especial aos parlamentares.

Então, por exemplo, vá aqui à esquina, aqui ao ponto de ônibus na *(Rua)* General Sampaio e pergunta *pra* uma pessoa: “O que é política?” “Ah, chegou o tempo da política”. O que é o tempo da política? É o tempo da eleição. “Ah, porque os políticos”... – aí já é uma categoria distante. Ou seja, no complexo de valores nos quais nós nos inserimos, existe uma tentativa, há uma intencionalidade, de distanciar a política da vida das pessoas. Política é o que você *tá* fazendo na sua casa. Todo dia *(enfaticamente)*. Você faz na sua rua, você faz dentro do seu local de trabalho, no seu local de estudo. Essa tessitura dinâmica, viva, contraditória *(enfaticamente)*, é bom afirmar isso, das relações sociais. Portanto, eu diria que a política é exatamente essa instância *(das relações sociais)* e o processo em que as expectativas sobre o mundo estão colocadas em disputa.

Fernando – Renato, ainda sobre a sua concepção de política, na entrevista que você dá a *Revista Fale!*, em setembro de 2006, quando inquirido sobre a baixa densidade de material de campanha, você falou que “política tem que ser palavra e pensamento”.

Renato – *(interrompendo...)* E gesto

Fernando – Para muitos, principalmente para os seus eleitores, você é um representante de uma nova forma de fazer política, *né?* Você não acha que “política tem que ser palavra e pensamento” remonta a uma tradição muito clássica da política? Há uma contradição entre um representante que se mostra como um representante de uma nova política – “Por uma outra política”, se não me engano, era o seu *(slogan)*...

Renato – *(interrompendo...)* É, 2006, “Por uma outra política”.

Fernando – Se há uma contradição nisso e queria que você definisse o que são formas colaborativas e uma nova forma de fazer política.

Renato – Eu acho que nós temos de pensar o mundo de forma dialética, isso quer dizer o seguinte: você supera mantendo aquilo que se deseja manter, negando aquilo que se deseja negar; tese, antítese e síntese. Ou seja, como nós nos apresentamos, estou falando sobretudo aqueles que rompemos com uma determinada tradição da esquerda brasileira e fomos tentar inaugurar uma outra agremiação, uma outra organização... Nós buscamos a renovação de uma tradição. Por isso que eu gosto da expressão tradição renovada. A história não começou conosco, a história começou muito antes. Num Brasil em que o direito à memória ainda tem de ser lutado. Ou seja, 50 anos depois do golpe *(de 64, conjunto de eventos ocorridos em 31 de março de 1964 no Brasil que culminaram, no dia 1º de abril de 1964, com um golpe de Estado que encerrou o governo do presidente democraticamente eleito João Goulart)*, a gente ainda vê um apagamento da história. Quantas pessoas morreram, desapareceram, foram jogadas na baía de Guanabara *(no Estado do Rio de Janeiro)*? Veja como o tema da memória é importante *pra* dizer que a história não começou conosco. Nós nunca nos apoiamos nisso, portanto a ideia de uma tradição renovada. Nisso você deve pensar que nessa tradição renovada, as palavras, o pensamento e os gestos *(enfaticamente)* daqueles que se colocam discordantes da estrutura produtora de sofrimento e de desigualdade se mantêm. Relembrando uma figura que é muito a cara de vocês *(para a equipe da revista)*, o *(Walter)* Benjamin *(ensaísta)*,

O nome de Renato Roseno foi o primeiro a ser indicado, pela aluna Monique Martins, e foi aprovado quase por unanimidade pelos alunos presentes na votação.

Quando o nome de Renato Roseno foi escolhido pela turma, as estudantes Lívia Priscilla e Camila Magalhães logo se ofereceram para ser a equipe de produção da entrevista.

Renato Roseno de Oliveira nasceu em São Paulo no dia 18 de dezembro de 1971. E veio para Fortaleza aos nove anos para residir na Cidade dos Funcionários.

crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão): "Nós somos herdeiros da tradição dos derrotados". Isso é verdade! É necessário pensar que antes de nós houve gente que lutou contra a escravidão, contra o colonialismo português, que lutou contra a República Velha (*período da história do Brasil que se estendeu da proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, até a Revolução de 1930*), que lutou contra a ditadura do Estado Novo (*regime político brasileiro fundado por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937, que durou até 29 de outubro de 1945, caracterizado pela centralização do poder, nacionalismo, anticomunismo e autoritarismo*), que lutou contra a ditadura militar (*regime autoritário, militar e nacionalista que se instalou no governo do País entre 1º de abril de 1964 até 15 de março de 1985*).

Chloé – Renato, o que é que as minorias, o negro que sofre opressão, a mulher que, querendo ou não, sofre um pouco de opressão e tudo, o que é que eles podem fazer (*em relação à opressão*)?

Renato – Um pouco não, muito. Todas as mulheres sofrem muito. Olha só a maluquice que é o machismo neste país, né? É necessário dizer o nível da opressão. Nós temos de compreender que não é simples, do ponto de vista do tempo social, que você diga para essa mulher que ela vá se organizar numa associação comunitária, dos moradores e tal... É necessário gerar estratégias para valorizar esse tempo para a comunicação, para que ela se sinta, inclusive, convidada... Não podem ser estratégias de dor e sofrimento também. É necessário convidá-la para o ato de rebeldia, o ato de altivez, um ato de altivez de consciência da própria exploração e da própria opressão e de se colocar junto a outros e a outras e dizer: "Nós queremos reescrever o mundo". Mas só para finalizar, porque eu acho que tem uma palavrinha que você utilizou que eu acho que a gente tem de questionar: minoria. Vamos dividir.

Existem maiorias sociais, que são mulheres, negros, que são minorias políticas, do ponto de vista do poder político. Têm oito por cento de mulheres no Congresso Brasileiro. E quantos negros? Então, às vezes, a gente utiliza essas palavras, é bom a gente sublinhar para não cometer imprecisões. Porque, se não, você gera um significado de que aquela minoria é menor. Por que nós no Movimento de Direitos das Crianças e Adolescentes, em especial desde 1988, recusamos conscientemente a palavra menor? Porque ela está vinculada a menorismo. Menorismo como ideologia. Não é que o menor é menor de idade. A sociedade

da mercadoria só produz mercadoria via trabalho, por isso que, nessa sociedade, as gerações de ponta são gerações oprimidas porque estão fora do mundo do trabalho. As primeiras gerações e as últimas gerações. Veja que interessante: outras sociedades que não são sociedades baseadas no mundo da mercadoria valorizam suas crianças e seus idosos. O que a sociedade industrial faz? Ela desvaloriza.

O debate sobre a Reforma da Previdência é esse. É o "custo social com os idosos". Por isso é que foi perverso o que o neoliberalismo fez na América Latina, que apostou na morte das pessoas antes de aposentá-las. Por isso que, *pra* nós, as palavras têm muito peso, as palavras têm muito significado. Quando a gente se nega a utilizar a palavra menor para criança é adolescente, e dizer criança e adolescente, (*é*) porque, primeiro, nós reconhecemos a necessidade de criticar o menorismo como ideologia porque menor... Você não chama o seu filho de menor, chama? Não, você chama o filho da classe trabalhadora de menor. Quando a página do jornal cearense estampou "menor mata criança", o que estava escrito aí? Menor mata criança...?

Camila – O menor era da classe baixa.

Renato – Exatamente! Tem um marcador. Olha aí a ideia dos marcadores. Tem um marcador de diferença. Portanto, é necessário a gente se posicionar contra esses marcadores de diferença também. E os marcadores são de gênero, raça, classe... Agora, é claro, que a consciência dos marcadores, por si só, não muda a vida, nem o próximo. O que vai mudar a vida é se a gente reescreve outras concepções e (*assim*) as pessoas vejam que a vida pode ser diferente.

Pedro – Renato, eu vou mudar um pouquinho agora o foco e falar da Insurgência (*tendência interna do PSOL*). Você disse na pré-entrevista que um dos propósitos da

Eu diria que a política é exatamente essa instância (*das relações sociais*) e o processo em que as expectativas sobre o mundo estão colocadas em disputa.

Renato sempre enfatiza que se considera um "cearense nascido em São Paulo" e que vê o mundo a partir do Ceará. Os irmãos dele, Marcelo e Tatiane, disseram em pré-entrevista que se sentem da mesma forma.

Insurgência do PSOL (*Partido Socialismo e Liberdade*) era renovar essa tradição de esquerda. Por que motivo essa tradição precisa ser renovada?

Renato – Primeiro, nós temos de compreender as contradições da própria tradição da esquerda. De que esquerda nós estamos falando, que tradição? Quando nós nos organizamos, nós estamos vinculados a uma determinada tradição. A uma tradição que é contra os totalitarismos, inclusive os totalitarismos promovidos em nome do socialismo. Por exemplo, a tradição ao qual eu me refiro sempre foi contra a burocratização que se deu no chamado Bloco do Leste (*referência à União Soviética e seus aliados da Europa central e do leste*), que suprimiu, matou, caluniou, difamou, prendeu pessoas... Eu sempre brinco, por que nós somos contra qualquer ideia de paredão? Porque sempre que teve paredão era a nossa tradição que estava nele. Era a tradição dos que discordavam da burocratização, do totalitarismo. É a tradição, por exemplo, que lembra até as palavras da Rosa (*de Luxemburgo, uma das principais revolucionárias marxistas, 1870-1919*) que diziam o seguinte: "Olha, nós temos de defender a liberdade, em especial a liberdade daqueles que pensam diferentemente e contra nós". Olha como isso é forte, profundo, corajoso, mas mesmo assim é uma aposta na liberdade. Defender a liberdade, sobretudo, daqueles que pensam diferentemente e contra nós, acho que isso é muito importante.

Dois: a questão do produtivismo. Nós não queremos inverter a propriedade das coisas. De que é que adiantaria a gente coletivizar, hoje, as indústrias de automóvel, que estão entupindo as cidades do mundo de automóveis? Nós não queremos um mundo produtivista. Inclusive, porque o planeta não suporta. Por isso que nós dizemos que a nossa interpretação do socialismo é necessariamente uma interpretação da crise ambiental planetária, da crise multifacetada, porque ele (*o produtivismo*) gera opressão, ele gera exploração e ele gera destruição, dilapidação, portanto nós criticamos o produtivismo. Ou seja, que mundo a gente quer? A nossa crítica em relação a esse mundo é só em relação a propriedade das coisas? A gente vai continuar desmatando as florestas para produzir soja, a gente vai continuar produzindo três milhões de veículos? É isso? Não, não é não. Portanto, não é alterar a propriedade do aparato produtivo, não é alterar o aparato político, é alterar a essência e o conteúdo. Ou seja, nós queremos um mundo de mais transporte público ecológico, um mundo em que as pessoas



tenham mais tempo livre *pra* fazer arte, *pra* curtir a vida, *pra* namorar, *pra* se dedicar a temas que não (*sejam*) necessariamente o trabalho, em um mundo de colaboração, não de competição. Quando você diz que uma pessoa tem muitas qualidades *pra* fazer uma coisa, você diz que ela é o quê? Competente. Que vem de quê? De competir. Você não diz que ela tem talentos para cooperar, né? Colaborar, ou seja, veja como a nossa estrutura é uma estrutura de desenvolver atributos competitivos, de sobretudo um passar por cima do outro. Você *bota* classe contra classe. Você diz assim: "Se você for

O primeiro contato foi feito por e-mail. Renato respondeu no mesmo dia agradecendo o convite, comentando que era leitor da revista e que estava honrado em ser escolhido. Foram trocados 14 e-mails entre a equipe de produção e Renato antes da entrevista.

Já no primeiro e-mail, Renato informou que estaria em Fortaleza em dois finais de semana do mês de março. A produção informou as datas para a turma e o professor Ronaldo orientou que a produção confirmasse a data da entrevista.

A equipe de produção agendou a pré-entrevista para o primeiro fim de semana de março que Renato estaria em Fortaleza. No outro, foi marcada a entrevista.

mais subserviente, se você trabalhar mais, se você for mais dedicado ao sistema, você será recompensado”.

Aí sempre tem um *self-made man* (expressão em inglês, significa uma pessoa que “se fez sozinho”, um empreendedor) que é pinçado nas histórias do Fantástico (programa de televisão brasileiro exibido aos domingos pela Rede Globo), “Ele veio de baixo e hoje é dono de um monopólio”. Quantos? Na verdade, é mais fácil contar a história do seu Zé que passou 40 anos trabalhando e continua do mesmo jeito, na mesma casa, do mesmo jeitinho. Essa história não é contada porque ela é a história da maioria. Veja que eu falei da luta pela dignidade humana, da compreensão da crise ambiental planetária e, sobretudo, da própria concepção da disputa do poder. Nós compreendemos que há muitos sujeitos nessa construção.

E para finalizar é isso: não há monopólio da transformação. Ninguém tem o monopólio da transformação. A transformação se dá por

disputa dessas institucionalidades e entender que essas institucionalidades vão ter que ser superadas. Essas institucionalidades estão carcomidas. Elas têm 200 anos.

Camila – Uma das bases da Insurgência, que eu sei, é o antiproibicionismo, especialmente na figura do Renato Cinco (Athayde Silva, vereador do PSOL/RJ), no Rio de Janeiro. E eu queria perguntar se você é a favor da legalização da maconha e como você proporia uma nova política de drogas para reduzir a criminalidade e até a população carcerária no Brasil.

Renato – A organização política tem de estar pensada para lidar com essa realidade contraditória e tocar em temas que às vezes são naturais. Se eu perguntar para você se crime é uma coisa natural, você vai achar: “Nossa, mas que pergunta estranha!” Daí eu poderia responder: “Não é natural, crime é uma construção social”. Determinadas condutas que são hoje entendidas como crimes não eram entendidas como crime em outros momentos. A ideia de crime é uma

“Eu sou favorável à legalização (da maconha), porque eu sou favorável, inclusive, à legalização de várias condutas humanas.”

muitos sujeitos e por muitos caminhos. É necessário, na verdade, tecer (um) programa. Um programa tem de juntar o curto, médio e longo prazo. Você não vai lá no seu Zé, lá no Conjunto Polar (na Barra do Ceará, em Fortaleza), ou então lá no (Conjunto Nova) Assunção (em Fortaleza), você não vai chegar: “Seu Zé, vamos bem ali construir a revolução mundial”. Ele não vai sair de casa não. Vai ter de ser assim: “Olha, vamos bem ali, mas vamos pra uma reunião, vamos pensar a saúde do bairro, vamos conectar a saúde do bairro, vamos pensar por que a saúde está ruim, por que não tem dinheiro pra isso, por que não tem pra aquilo...”. Ou seja, a pedagogia é a pedagogia da luta. As pessoas aprendem a lutar lutando. Não tem escola de luta, não tem escola de emancipação, não tem escola de liberdade, nesse sentido. Portanto, é necessário pensar que não é uma organização que tem o monopólio da transformação. E, segundo, que não será pela via meramente institucional e eleitoral. Vocês viram alguma grande transformação acontecer pelo voto? As próprias democracias liberais encerram o seu limite. Ou seja, quem trabalha com ruptura sabe que as rupturas são constituídas por muitos caminhos. Nós temos (ênfatizando) de fazer a

ideia sócio-histórica. E o que é o crime? É uma decisão política de regulação de condutas de uma sociedade, mas não é uma decisão neutra. Ela está estruturada com alguma função e a sua funcionalidade está em controlar aqueles que não cabem no sistema. A grande influência que a criminologia crítica teve na minha vida, foi de desvelar aquilo que, para mim, que era uma pessoa que já vinha da tradição de esquerda, era natural, que era a ideia dos esquemas punitivos. É preciso pensar por que, no caso das drogas, você criminaliza a aquisição, o consumo, o comércio de determinadas drogas e não de outras. Porque, em especial, na constituição das Américas como sociedade, algumas drogas estavam vinculadas (sobretudo) aos mais pobres, aos negros... A maconha, por exemplo, sempre esteve vinculada, desde o século XIX, à cultura dos mais pobres, dos negros, então, proibi-la é uma forma também de controlar o seu usuário. E, depois, você tem na sequência, toda a estratégia de controle dos territórios que a política proibicionista permite. Não por acaso existe um grande polo de conhecimento de pesquisa pensando a geopolítica da guerra às drogas. E isso vai lá em cima e chega até embaixo, chega à favela. Quem é que está nas

A entrevista com Renato estava prevista para acontecer no final de abril, sendo a terceira entrevista dentre as cinco, mas, por questões de agenda do entrevistado, foi antecipada para ser a primeira.

prisões hoje? Não é o atacadista, é o pequeno varejista, que é facilmente substituído. Você chega às prisões brasileiras e quase metade (*dos encarcerados*) está vinculada ao tráfico de drogas. Se você junta ao restante da chamada criminalidade aquisitiva, dá quase 75% ou 80%, (*assim*) você vai ter um grande número de pessoas encarceradas da chamada criminalidade aquisitiva que diretas vezes ou indiretamente tem ligação com a política de drogas. Os crimes contra a vida estão na faixa dos 10% ou 12%, depende do Estado, depende muito do recorte que a gente faça.

Eu sou favorável à legalização (*da maconha*), porque eu sou favorável, inclusive, à legalização de várias condutas humanas. A minha abordagem antiproibicionista não é só em relação às drogas não, é a crítica ao sistema penal. Nós já somos a 4ª (*maior*) população carcerária (*do mundo*). Se prender diminísse conflito social, nós já teríamos zerado conflito social, porque de 1994 pra

uma cadeia completamente vinculada às corrupções e a guerra às drogas está permeada pela corrupção estatal.

E a nossa abordagem aos problemas de segurança continua sendo uma abordagem – nossa, eu estou dizendo da maioria da sociedade – criminalizando, aumentar a pena, reduzir idade penal, manter as pessoas mais encarceradas, armar mais, ou seja, a guerra às drogas é uma guerra contra os pobres, é uma guerra contra os negros e é por isso que nós somos absolutamente contrários. Existem saídas para o conflito social que não apostam na guerra porque quando você trabalha na ideia de guerra, tem combatentes do lado de cá e do lado de lá, mas isso, inclusive, é falacioso porque se você contabiliza o número de mortos, você vai ver que são milhões de jovens negros que estão sendo mortos na guerra (*contra as drogas*).

Cynthia – Renato, nessa sua caminhada de militância, quais foram as histórias que o



cá, nós explodimos as prisões. Explodimos! Saímos da faixa de 150 mil encarcerados para 560 mil encarcerados. Ao contrário, o que é que a prisão faz? Ela seleciona quem entra nela, ela estigmatiza quem entrou nela e ela alimenta (*enfatizando*), inflaciona, a conflitualidade social. A maior fantasia é a fantasia da ressocialização. O indivíduo que vai preso, ele não está fora da sociedade, ele está muito (*enfatizando*) dentro da sociedade. Entre em qualquer prisão, pergunte àquele cara que está fora da sociedade. A inserção dele na sociedade é uma inserção subalternizada, é uma inserção marginalizada. Não se ensina liberdade retirando a liberdade. A única coisa que você produz com isso é mais dor, mais sofrimento, mais ódio, mais intolerância, mais violência, mais estigma. A criminalização do varejo de drogas foi um grande artifício para controlar territórios, controlar segmentos sociais, estigmatizar pessoas, gerar lucros gigantescos para a guerra às drogas, nunca chegou aos atacadistas, manteve os atacadistas onde eles bem estão, ganhando muito, muito dinheiro. Os atacadistas não querem a legalização porque vai fazer com que eles percam, inclusive, os seus bilhões de dólares pela cadeia ilegal, porque é

marcaram, que o colocaram em contato com essa realidade que você tenta combater?

Renato – Eu acho que eu não tento, eu creio que a gente está fazendo isso junto, a gente está combatendo, a gente está tentando construir. Primeiro, a vida das crianças: muito importante para mim! A ideia das opressões é muito mais sentida pelas crianças, vocês sabiam disso? A ausência da educação, a ausência de afeto, de solidariedade, de acolhimento, a opressão, a ausência de projetos de mundo.

Uma vez eu estava no CEDECA (*Centro de Defesa da Criança e do Adolescente*) e fui ao antigo Centro de Triagem, não existe mais, ali na (*rua*) Tabelião Fabião, atrás do North Shopping (*shopping center na Av. Bezerra de Menezes*), tinha um menino de 16 anos. Eu estava lá, pelo CEDECA, advogado, e tal... E o menino, (*havia cometido*) ato infracional, tinha sido apreendido. Eu fui conversar com ele, ele disse: “Doutor, para mim não tem mais jeito”. O que é que você diz diante disso? “Para mim não tem mais jeito”, hein? O que é que você diria se eu te perguntasse com 16 anos de idade? Você diria: “Não, eu vou fazer jornalismo, eu vou viajar o mundo, vou fazer mestrado na Escola de Comunicação da Universidade”, né? Um monte de coisas.

A pré-entrevista com Renato Roseno foi feita no dia 15 de março de 2014, às 17 horas, na sede do PSOL/CE. A pré-entrevista durou apenas 15 minutos, pois Renato estava com a agenda cheia.

Desde outubro de 2013, Renato reside em Brasília (DF) e é analista técnico de políticas públicas sociais no Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS).

Entre 2000 e 2003, Renato foi bolsista da LED - *Leadership for Environment and Development Program*. Nesse período, visitou países como México, Nigéria, Índia e Paquistão.

“Não se ensina liberdade retirando a liberdade. A única coisa que você produz com isso é mais dor, mais sofrimento, mais ódio, mais intolerância (...)”

Você nunca diria para mim, nos seus 16 anos, “para mim não tem mais jeito”. O cara disse. Não há nada que justifique o aprisionamento das pessoas. Eu cheguei a locais (*presídios*) no Brasil, após rebelião, que o sangue do morto serviu de tinta *pros* outros escreverem o nome dele. É óbvio que isso não é um ato de maldade (*enfazando*). Não é isso.

É uma sociedade tão violenta. Por que no Brasil até hoje a gente não conseguiu resolver o racismo? É uma elite tão violenta que ela não consegue se ver no outro, de forma alguma. É óbvio que essas histórias são histórias que você passa a compreender que você não vai resolver pontualmente. São estruturas produtoras dessa iniquidade. Então, assim, a política não é só um ato formal e racional de compreensão do mundo, mas é também um ato de revelar que isso não pode ser natural. Nada deve parecer natural. Nada deve parecer impossível de mudar. Isso não é natural.

Cinthia – E como é que você se desliga um pouco disso?

Renato – Ah, eu não desligo. Eu não desligo. Eu me emociono.

Pedro – Renato, você nasceu em São Paulo e depois veio para o Ceará. Você enfatiza muito essa questão de ser cearense, de ser um político cearense. O que significa para você ver o mundo do Ceará?

Renato – Eu sou cearense, essa palavra político foi você que *botou* aí. Meu pai é de Amontada (*município na região norte do Ceará a 163,3 quilômetros de Fortaleza*) e minha mãe é de Acaraú (*município na região noroeste do Ceará a 238 quilômetros da capital*). Meus pais migraram para tentar a vida em São Paulo. Eu acho que essa trajetória é uma trajetória que me marcou muito. Dois jovens que saem de municípios pequenos, Amontada era distrito de Itapipoca (*município na região norte do Ceará a 135 quilômetros de Fortaleza*). Minha mãe, na verdade, nasceu no Marco (*município na região noroeste do Ceará a 228 quilômetros de Fortaleza*), o Marco era

do Acaraú... Dois jovens que saem das suas casas para tentar a vida em São Paulo... Eu acho que essa trajetória dos meus pais e dos meus tios e de uma infinidade de nordestinos me marcou muito o olhar sobre o mundo. É óbvio que tem uma injustiça por trás disso. Por que você tem de sair do seu canto *pra* ir para outro canto e tentar a vida? Que é uma marca do cearense, né? Eu tive parentes soldados da borracha, a família do meu pai, irmão do meu avô foi soldado da borracha. Então, (*é*) aquela memória coletiva que todos nós temos. Todos nós temos na nossa memória coletiva aquela malinha de couro, quadradinha, pintada de marrom, que até hoje você encontra em algumas feiras, tomara que não desapareça. Tem essa memória coletiva, porém essa memória coletiva não é romântica, muitos perderam a vida, muitos encontraram desterro, outros conseguiram muito trabalho. Você vai hoje a qualquer restaurante do Rio de Janeiro, não pergunta mais nem de que Estado (*o garçom*) é, e sim de qual município do Ceará ou município nordestino. Quando eu digo isso, é *pra* não esquecer essa memória. E outra coisa, eu vivi minha vida toda lá em São Paulo com cearenses, meus tios, meus pais, os encontros, a vinculação que eu tinha com meus avós, eu vinha e tal... Eu vim para cá dia 13 de dezembro de 1981, eu completei dez anos aqui.

Pedro – Você já teve receio de, por ter nascido lá e morado dez anos, isso prejudicar a sua entrada na política, alguém contestar a sua identidade, isso já chegou a acontecer?

Renato – Isso já foi utilizado. Eu *tô* com 42 anos de idade, se eu contabilizo o número de anos que eu vivi aqui (*no Ceará*) e que eu vivi lá (*em São Paulo*), não dá, é até forçação de barra... Bem, se você tem mais de 40 anos de idade, dos quais você nasceu e viveu a sua primeira infância, o jeito de ver o mundo, é isso... Eu sei andar nessa cidade (*Fortaleza*), eu sei andar nesse sertão, eu sei a história, eu reconheço as pessoas, as pessoas me conhecem. São relações afetivas. Não é um ato racional, é um ato de afeto. Afeto é aquilo que *lhe* afeta. Afeto não é racional, é aquilo que *lhe* afeta. O que me afeta é a minha história com o Ceará. Claro, é importante, (*São Paulo*) foi onde eu tive a primeira aula da minha vida, onde eu aprendi a ler e a escrever, eu lembro a minha primeira professora. Se há um ato racional nisso, eu diria que é o ato racional de valorizar a memória dos que migram. Eu vou *pra* Amontada, eu vou muito menos hoje, mas, quando eu vou *pra* Amontada, que é a terra dos meus... Eu tive muito mais vínculo com Amontada do que com Acaraú, a história dos meus pais... É a generosidade

O envolvimento de Renato com o movimento estudantil começou no Ensino Médio, no Grêmio Estudantil José de Alencar, do Colégio Marista Cearense. Quando ingressou no Ensino Superior, foi integrante do Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua (CACB).

das pessoas, é impressionante isso. Se foi alguma maledicência em campanha eleitoral, podem ter usado isso. As pessoas lá sabiam que eu era neto do Zé Alves. “Olha o filho do Oliveira! Ah, o neto do Zé Alves.” Isso não é racional. A vida não é um encadeamento de opções e atos racionais, é necessário valorizar a vida, inclusive pelo que de afeto ela tem, então meus avós foram assim.

Lívia – Renato, você falou do afeto, da questão dos seus pais serem migrantes, e disse que isso o influenciou. O que isso influenciou na sua personalidade, em quem você é hoje, a convivência com os seus pais, a personalidade deles?

Renato – Eu acho que todos nós somos influenciados pelas circunstâncias, não sou só eu, eu, você, todo mundo, né? Aquele texto seminal do Ortega y Gasset (*filósofo espanhol*): “Eu sou eu e as minhas circunstâncias”. Eu sou eu e as minhas circunstâncias. Claro que sim! Não poderia ser diferente porque não é diferente. Não há pessoa no mundo que pense o mundo sem ser a partir das suas circunstâncias. É óbvio entender, por exemplo, a divisão socioeconômica regional brasileira, compreender que algumas pessoas tiveram de fazer grandes esforços para dar aos filhos o que eles não (*tiveram*)... Eu tive uma educação que meus pais não tiveram! Vejam isso, de uma geração para outra. A minha geração, na minha família, foi a primeira a conseguir concluir o Ensino Médio, na época chamava 2º grau, e chegar à universidade. A alegria do meu avô, das minhas avós, quando eu cheguei lá – meu avô materno já tinha falecido quando eu cheguei à universidade – era imensa! Era imensa porque sabe a ideia de que “opa, teve um degrau aqui que foi rompido”. Eu sou extremamente grato! Gratidão é uma coisa muito importante. Muito importante! Sou extremamente grato ao esforço que eles (*avós*) fizeram de permitir que a geração posterior a eles tivesse de se mudar, tivesse de ganhar a vida, acordar cedo, pegar ônibus, trabalhar muito, carregar marmitta, *né*? E eles tiveram uma mobilidade social, os meus pais tiveram uma mobilidade social. Eles construíram uma certa mobilidade social. Quando se faz a análise econômica, tinha a taxa de crescimento do Brasil, claro, você vai entender as variáveis, você vai usar a economia do Brasil... É, de fato, eram os anos 1970, tiveram uma taxa de crescimento tal que permitiu tal mobilidade social, *pra uns e pra outros não*, e tal, e tal... Essa mobilidade social pode ser explicada por um determinado ponto de vista econômico, mas também tem histórias individuais, histórias de esforço, de trabalho, de valorização do trabalho, né? Eu sou muito grato a isso!

Essa compreensão do mundo e as suas contradições, óbvio que foi importante. Olha, digamos assim, você não aprende as injustiças do mundo lendo livros, tá? Não é um aprendizado formal, racional.

Pedro – Na pré-entrevista, quando foi perguntado sobre a sua relação com a família, você usou a palavra solidariedade. Na entrevista com o seu irmão, o Marcelo, ele falou a mesma palavra solidariedade. A que você atribui essa característica tão presente na família?

Renato – É isso que eu acabei de dizer. Pensa bem: as teias de solidariedade! Meus pais chegaram numa terra, que não era deles, mas já havia outros, irmãos, parentes e tal... Que abriam a porta, minha mãe dormia no sofá da sala da irmã por parte de pai dela, sabe? E assim vai. Então, havia um tecido de solidariedade, a minha mãe é temporão, a última de uma escala grande. Ela foi criada pela irmã mais velha que era irmã só por parte de pai, veja o que são os tecidos de solidariedade, não tem grandes declamações de amor, não. Vocês conhecem como é o traço de uma família nordestina mais tradicional. Mas tem aquela ideia de ser solidário. Se você vir a minha mãe, por exemplo, como é na minha família, tem um certo trato de formalidade: “Oi, tudo bem?” Mas tem um pressuposto sólido, aí de solidariedade. E eu acho que isso não é específico de um determinado núcleo familiar, seria arrogante e irreal dizer isso, esta é uma característica que já algumas gerações constituíram na sua trajetória, e as ideologias hiperindividualistas estão corroendo as lógicas da solidariedade, de facultar um ao outro, de ser generoso um ao outro. Solidariedade que eu vi a minha mãe fazer com a minha avó materna, solidariedade gigantesca (*enfaticamente*), nas últimas, de ficar lado a lado, horas e horas, que eu vejo hoje minha mãe fazer com a minha tia, que hoje já a criou, que *tá* com 85 anos.

Lívia – Renato, tem a relação com os pais,

“As pessoas da DS queriam que eu me lançasse vereador e eu disse que não queria, que não era minha praia, não era a tarefa que eu queria cumprir.”

Renato já se candidatou quatro vezes, uma para governador do Ceará, em 2006, uma para deputado federal, em 2010, e duas para prefeito de Fortaleza, em 2008 e 2012. Todas pelo PSOL.

A entrevista era para ser realizada na sede do PSOL/CE, na Avenida Imperador, mas dois dias antes a equipe de produção foi informada de que haveria um evento no local e a sede não estaria mais disponível.

A segunda opção pensada pela equipe de produção foi o Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua (CACB), na Faculdade de Direito da UFC, local significativo para o entrevistado.

e você é o irmão mais velho. E geralmente o filho mais velho tende a ser liderança. Você se considera uma liderança dentro da família? E em que os seus irmãos (*Marcelo e Tatiane*) o inspiram?

Renato – Os meus irmãos são seres humanos muito legais. Eles têm uma sensibilidade para o mundo, são éticos nas suas condutas, são pessoas muito solidárias, não só entre nós. Assim, eu não me considero como exemplo. A minha característica é esta: eu sou o mais velho. Ponto. Eu não me atribuo com nenhuma outra característica, não.

Pedro – A Tatiane (*irmã de Renato*), disse na pré-entrevista que a religião é uma coisa importante na família (*Roseno*), quase toda a família é católica, mas você era o único irmão que não aderiu. E todo mundo conhece você como o homem das ideias, você tem alguma crença espiritual ou religiosa?

Renato – Não. Quando meus pais se conheceram, meu pai era adventista (*do Sétimo Dia*) e minha mãe era católica. Então, eles tiveram um ambiente muito plural. Eu nunca fui obrigado... Até hoje a família do meu pai é adventista na sua maioria e meu pai não é mais (*adventista*). Mas a minha avó paterna é, minhas tias, os irmãos do meu pai, os meus primos por parte de pai, na sua maioria, são adventistas do Sétimo Dia. Foi uma igreja que teve muita força lá em Amontada. Meu avô era uma referência e tal. Minha mãe é católica, devota de (*Nossa Senhora de*) Fátima. Meu irmão nasceu, coincidentemente, no (*dia*) 13 de Maio (*dia de Nossa Senhora de Fátima*). Tem isso. Eu sou absolutamente, não só respeitoso, eu tenho mais que respeito e uma relação afetiva com diferentes religiões.

Eu não tenho uma crença espiritual, mas eu não quero explicar o mundo dizendo que nós só somos imanência. Nós temos uma transcendência. Essa questão da religião passa a ser muito mais interessante quando você visita países cuja maioria é de uma religião diferente da sua. Uma experiência importante na minha vida foi ter ido a Repúblicas Islâmicas ou ao Oriente e ter visto outras religiões. As grandes religiões semitas, o judaísmo, o islamismo, o cristianismo, as religiões de traço budista e hindu constituíram no seu tempo elementos de coesão social e de representação do mundo, com muita relevância. Em alguns momentos, elas serviram não às transcendências, mas às organizações e instituições por trás delas ou à frente delas. Uma coisa é você diferenciar a explicação transcendental da realidade e a estrutura dos cleros. Vamos dizer que entre a Inquisição Católica e a explicação cristã do mundo tem uma distância gigantesca! Essa compreensão que você tem do mundo

“Tinha uma pressão muito grande para eu ser candidato a prefeito! Tinha pedido de todo lado. E eu negando, negando, negando.”

passa a ter relevância na sua explicação das sociedades e você entende que elas (*as religiões*) são constitutivas da cultura.

Pedro – Agora se você me permite, Renato, eu gostaria de fazer uma pergunta um pouco mais pessoal. A Tatiane falou que você tem uma relação muito boa com os seus sobrinhos, o Caio e o João Davi (*filhos do Marcelo*), e eles têm idade já para ser os seus filhos. O relacionamento com eles já fez você querer ter filhos?

Renato – Sim, claro. Só que isso tem de ser combinado, né? (*todos riem*) Por mim e pela outra pessoa. É óbvio que cada relação é uma relação. Assim, para ser bem criterioso e honesto, já houve companheiras que quiseram e, naquele momento, eu não queria. Eu não me dispus. Isso tem de ser combinado. Digamos que às vezes não é combinado, certo? Mas eu defendo a combinação. Eu defendo isso em geral, como regra geral. Fica a dica! (*todos riem*)

Cláudio – Como foi que o contexto histórico e político da tua juventude influenciou para a tua visão crítica do mundo? E como isso te direcionou para entrar na política?

Renato – Eu me lembro das notícias do Diretas Já (*movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil ocorrido em 1983-1984*), em 1984 e 1985, eu me lembro da edição da Lei do Grêmio Livre (*Lei nº 7.398, de 4 de novembro de 1985, que assegura as organizações estudantis como entidades autônomas representativas*), em 1985. A ditadura foi de uma brutalidade. General mandou fechar grêmio estudantil. Grêmio estudantil! (*ênfaticamente*) Não estamos falando de um mega hiper grande sindicato, não. Estamos falando de grêmio. A luta da Lei do Grêmio Livre é da metade dos anos 1980... Você imagina, o que é que uma ditadura militar estava preocupada em fechar grêmio? Não podia ter grêmio, não podia ter reunião (*o Ato Institucional nº 5 proibia atividades ou manifestações sobre assunto de natureza política*). Em 1985, eu estava na oitava série, teve o congresso de reabertura da UMES (*União Municipal dos Estudantes Secundaristas*), que estava fechada. Foi

A equipe da Revista Entrevista foi muito bem recebida pela diretoria do CACB, gestão Compromisso & Atitude, na pessoa do diretor Cairo Trévia, que, além do espaço, forneceu água para a equipe e o entrevistado.

meu primeiro congresso estudantil, (eu) sabia de muita pouca coisa. Não que eu saiba de alguma coisa hoje, mas eu sabia menos, né? Eu achei superinteressante a ideia, (por isso) eu fui. Eu tinha sido prefeito de classe na quinta série e na oitava série fui eleito delegado. Isso muito influenciado por uma colega, que depois veio até fazer Direito comigo. Ela me chamou, agitou lá a sala da gente e alguns de nós fomos como delegados para esse congresso. Era a época da eleição da Maria (Luiza Fontenele, ex-prefeita de Fortaleza pelo PT). Eu me lembro da entrada da Maria (Luiza) no congresso, metade do congresso apoiava o (Antônio) Paes de Andrade (ex-deputado federal pelo PMDB/CE), a galera mais vinculada ao PC do B (Partido Comunista do Brasil). Mas a Maria (Luiza) era aquela figura forte, né? Tinha um movimento ali, tinha uma coisa acontecendo. Eu, muito receoso, não queria me vincular a corrente nenhuma. Tinham as estratégias de recrutamento: "Você não quer se filiar?" Tinham umas estratégias meio heterodoxas de recrutamento que eram assim: "Olha, a gente tem curso de violão, curso de datilografia", para você ver como é que era. Claro, eram estratégias ainda advindas de um momento de clandestinidade e tal.

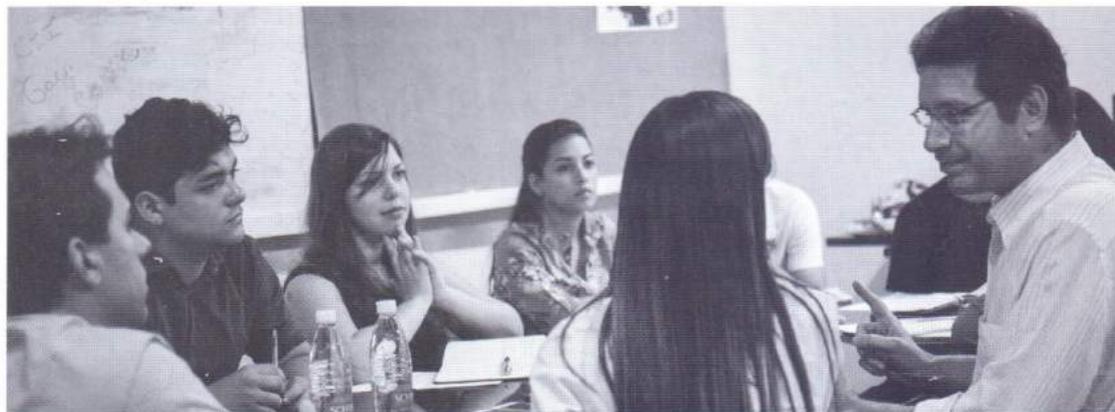
Sim, eu começo a ter acesso a essas ideias de esquerda. Eu li *Pensamento Livre*, do (Karl) Marx (revolucionário alemão, fundador da doutrina comunista moderna, 1818-1883), depois veio a *Perestroika* (reabertura econômica da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), eu me lembro que eu e uns colegas no colégio fizemos um trabalho sobre a *Perestroika*. A gente leu aquele livro do (Mikhail) Gorbachev (político e estadista russo, ex-líder da URSS, entre 1985-1991), o que era a *Glasnost* (processo de abertura política da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), para entender o que é que era o Bloco (do Leste). A gente queria entender o que estava acontecendo.

Em 1988, eu estava no terceiro ano, explode um monte de greves estudantis contra a alta da mensalidade. E a gente passa a ter, muito jovem, umas pautas... Ampliação

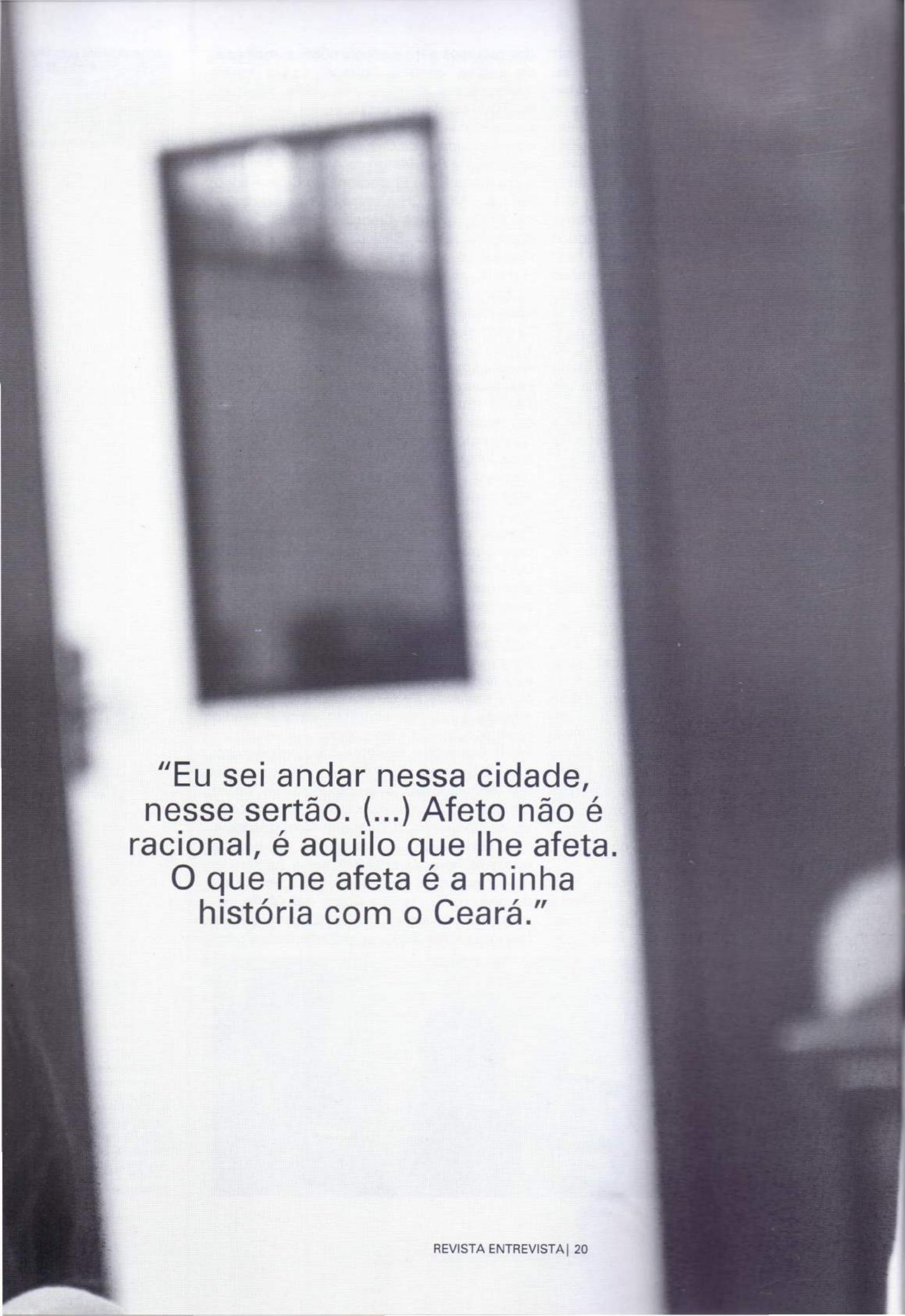
dos recursos para a escola pública, melhoria do ensino, controle tarifário, coisas muito interessantes. Naquele ano, 1988, também fui líder de classe, então eu fui para todas as passeatas, greves... E em 1989, eu entrei aqui (Faculdade de Direito da UFC). Que nem era aqui (na Rua Meton de Alencar). Aqui era o chamado Ciclo Profissional, o Ciclo Básico era na... Ali no CH (Centro de Humanidades da UFC), ali nas Ciências Sociais, era o chamado Ciclo Básico. A Comunicação (Social), o Direito, as Ciências Sociais, a História... E era uma mistura interessante.

Em 1989, a virada da Constituinte (Assembleia Nacional Constituinte, funcionou nos anos de 1987 e 1988, com a promulgação da Constituição atual, em cinco de outubro de 1988), o ano da primeira eleição presidencial (pós-ditadura de 1964-1985)... Eu passei (no vestibular) muito novo, eu passei com 17 anos, eu fiz o primeiro e o segundo semestres com 17 anos. Eu olho para trás e penso: "Nossa, eu não faria isso de novo". A pessoa faz um ano de faculdade sem ter nem a maioridade civil, ainda. E eu conheci uma galera interessantíssima! Porque eu tinha um certo estranhamento com o meu entorno e, quando eu entrei na Universidade (Federal do Ceará), tinha uma efervescência cultural, política, eu comecei a entender, ver pessoas, ideias... Teve greve naquele ano de 1989, eu lembro que a minha turma fez greve, aqui (na Faculdade de Direito da UFC, no Ciclo Profissional) não teve greve. Tinham uns piquetes aqui (na Faculdade de Direito da UFC) que saía embate físico, nesse portão entre o prédio novo e o prédio velho, tinha embate físico entre estudante pró-greve e contra-greve. Teve a eleição de 1989, o primeiro turno foi efervescente, o segundo turno então (ênfatisando)... Naquele tempo a campanha era muito grande, tinha muito fluxo de ideias, não tinha essa criminalização da política que tem hoje. O primeiro turno foi em 15 de novembro e o segundo turno em 17 de dezembro. (Fernando) Collor (de Mello, ex-presidente do Brasil, 1990-1992) versus (Luís Inácio) Lula (da Silva, ex-presidente do Brasil,

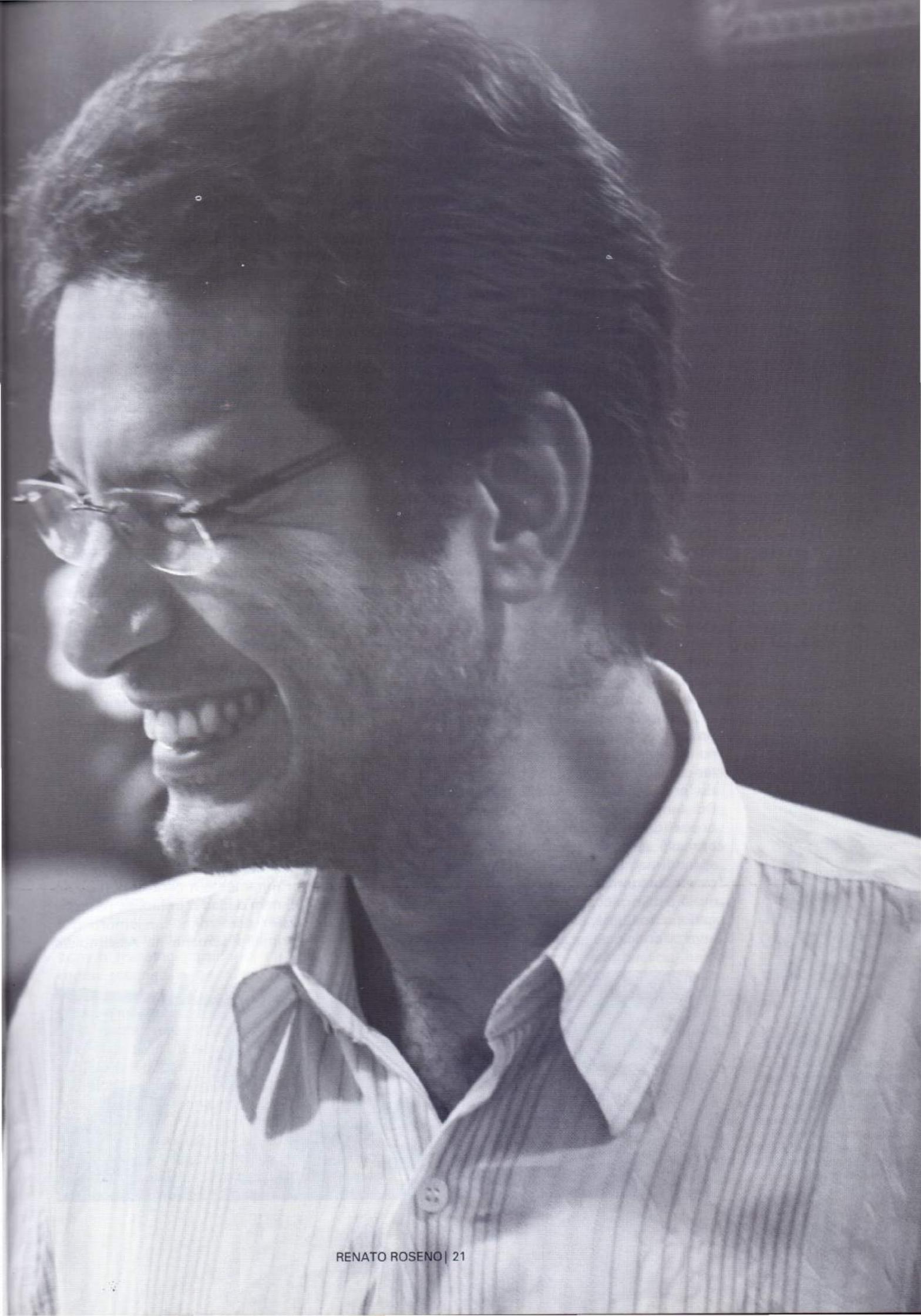
A pré-entrevista com Marcelo Roseno, irmão de Renato, foi feita por e-mail, no dia 22 de março, pois ele estava viajando a trabalho durante o período de produção.



A pré-entrevista com Tatiane Roseno, irmã de Renato, foi feita no consultório de dematologia dela, no Hospital São Mateus, no dia 22 de março, às 11h40min.



“Eu sei andar nessa cidade,
nesse sertão. (...) Afeto não é
racional, é aquilo que lhe afeta.
O que me afeta é a minha
história com o Ceará.”



A pré-entrevista com o vereador João Alfredo Telles de Mello (PSOL/CE) foi feita no gabinete dele na Câmara Municipal no dia 18 de março, às 15 horas.

2003-2010), aqui o ambiente da Faculdade de Direito, eu me lembro que tinha muito embate. Era a única faculdade que tinha um pensamento à direita e conservador mais organizado. Saiu caravana (*ênfatizando*) da Faculdade de Direito para ir assistir à posse do (*Fernando*) Collor, o que era uma coisa estranhíssima (*ênfatizando*).

Pedro – Por que você quis se filiar ao PT, especificamente, nessa época, em 1990?

Renato – Primeiro, eu tive muito cuidado em me filiar. Eu fui para várias organizações em 1989. Conhecer, né? E tinha aquela coisa que nenhuma organização tinha... E era uma ilusão minha, uma idealidade minha. Não tem organização ideal. Nenhuma organização é ideal, até hoje. O PSOL (*Partido Socialismo e Liberdade*) não é a organização ideal, porque não tem. Tem limite, contradição, erro, ausência, lacuna, problema grave (*ênfatizando*). Isso, para mim, hoje, é muito importante: essa factibilidade de onde você está. Eu acho, primeiro, você tem de estar em algum lugar. Você tem de estar em um coletivo. Não dá para você achar que vai mudar o mundo dando *like* no Facebook. Isso não existe. Você pode dar dez mil *likes* lá em alguma coisa que a coisa não vai acontecer.

Então, o PT (*Partido dos Trabalhadores*) naquele momento, sobretudo do ascenso de 1989, era o desaguador das energias políticas criativas que havia, que eu reconhecia como as mais interessantes. E eu não entrei no PT pelo petismo, eu entrei pela esquerda do PT. Quem me recrutou para o PT foi a DS (*Democracia Socialista, tendência interna do PT*). Eu primeiro tive contato com a DS aqui no Direito, para *depoosois* (*me filiar*)... Então, eu comecei a ler as coisas da DS, comecei a ter contato, achava superinteressante. Muito do programa que eu, até hoje, defendo... Do feminismo, do antiproibicionismo, da necessidade de vincular a luta contra as opressões, da luta contra a exploração, eu aprendi naquele momento. Eu entrei no PT para construir a DS. Quando eu entrei no PT, eu já sabia criticar o PT e a sua maioria. A maioria no Ceará, em especial. Na sequência teve a crítica ao aliancismo em 1992... O

aliancismo petista não começou em 2002, começou antes, em 1992. Teve tentativas da maioria do PT de formar uma aliança com Assis Machado (*Neto, empresário cearense*), em 1994, com Tasso Jereissati (*ex-governador do Ceará, 1987-1991 e 1995-2002*)...

Hugo – (*interrompendo...*) O fato de você não estar com a maioria do PT influenciou o fato de você nunca ter sido candidato (*pelo PT*)?

Renato – Não, não. Eu sempre fui um cara que, no interior da organização, eu estive muito voltado para o movimento. Sempre fui muito movimentista. Eu estava nos movimentos, durante minha época de estudante, no movimento estudantil. E eu cumpria outras tarefas. Agora, diga-se bem a verdade, eu neguei cumprir tarefas públicas em 2004. Não só em 2004, antes. Mas, sobretudo em 2004, as pessoas da DS queriam que eu me lançasse vereador e eu disse que não queria, que não era minha praia, não era a tarefa que eu queria cumprir. E eu tinha outras tarefas, eu estava na direção (*do PT*), eu tinha tarefas de quem está na direção de um coletivo tem de cumprir, elaborar, escrever, conversar, fazer reunião... Em 1993, a gente fundou um bloco chamado Opção de Esquerda no interior do PT, era um bloco que tinha a DS, o Fórum Socialista Independente... O João Alfredo (*Telles de Mello, vereador de Fortaleza pelo PSOL/CE*) naquele momento estava entrando nesse bloco. Em 1994, eu fui fazer a campanha do João (*Alfredo*), coordenar a campanha do João, num momento muito importante para mim porque eu estava saindo da faculdade. Eu me lembro que eu saí da faculdade em 18 de janeiro de 1994 e em fevereiro (*de 1994*) eu estava fazendo campanha, rodando o Ceará.

(*Em*) 1995, eu fui ser chefe de gabinete do João (*Alfredo*). O que foi um ato dele e nosso de ousadia e aposta porque, se vocês forem ver as fotos, vocês vão ver que eu não tinha propriamente a cara de um chefe de gabinete, nem a idade. Então, as pessoas olhavam *assim* para mim. Eu lembro que na minha primeira semana na Assembleia

Renato chegou alguns minutos antes do horário marcado para o início da entrevista e ficou conversando com o professor Ronaldo Salgado. Ao chegar ao CACB, Renato se impressionou com as mudanças no espaço.



“Como eles têm muito dinheiro, eles montam produtos. Eles não têm candidatos, eles têm produtos. Eles contratam marketeiros, eles montam produtos.”

(*Legislativa do Estado do Ceará*), um cara de uma bancada de direita lá, estava tendo um embate grande, de um projeto de lei, olhou assim para mim: “Você é novo aqui na Casa?” (*E eu disse*): “E na vida. Na Casa e na vida” (*todos riem*.) Desde a minha entrada no PT, eu estava em um coletivo que acumulava críticas ao PT, quando esse coletivo rompe, ele rompe internamente, uma parte diz: “Não, vamos tentar disputar.” Você teve a Carta aos Brasileiros em 2002 e depois a Reforma da Previdência em 2003, que foi a gota d’água. Quando houve a expulsão dos parlamentares que eram contrários à Reforma da Previdência, que retirou direitos de servidores públicos e trabalhadores celetistas, foi a gota d’água. Foi necessário fundar o PSOL. Eu sou da segunda leva do PSOL.

O PSOL foi fundado aqui (*no Ceará*) pelo Gilvan (*Rocha, escritor e militante socialista*), o Nilo (*Sérgio, professor*), Misael (*Torres Martins, militante do Setorial de Educação*) e o Mauro Gurgel (*Amaral*), alguns não eram petistas. Quando a gente (*João Alfredo e Renato*) entra (*no PSOL*) em setembro de 2005, tinha aquela questão: “Quem vai ser o nosso candidato a Governador?” Tinha de ter um porta-voz. Alguém tinha de apresentar o partido. Era isso. Ou seja, eu era, naquele momento, entre 2000 e 2006, advogado de Direitos Humanos, coordenava uma entidade (*CEDECA*) com respeitabilidade, eu nunca misturei o trabalho da entidade com o trabalho partidário, eu sempre tive muito respeito e tal. Chega o pessoal e: “Olha, você vai ter de tomar uma decisão. Nós precisamos apresentar.” Nós tínhamos uma tarefa: reeleger o João (*Alfredo*), que era deputado federal, e apresentar um partido novo, pequeno, num Estado em que a maioria petista é gigantesca (*enfatizando*). Você fazer campanha, naquele momento, em 2006, contra a hegemonia lulista que tinha no Ceará era quase ser... Era lutar contra a maré. Um negócio muito forte. Então, eu pedi demissão. Eu disse: “Não vamos confundir as coisas.” Porque eu sabia que,

como o trabalho do CEDECA era de controle social democrático de políticas públicas, se eu pedisse licença para fazer campanha e voltar, iriam, como até hoje a maledicência governamental faz, dizer que o trabalho do CEDECA, de controle de políticas públicas, estava vinculado a mim. Eu pedi demissão em 2006. Foi um ato de não impregnar a imagem da organização. E fui para a campanha. Terminada a campanha de 2006, eu fui fazer consultoria, trabalhos autônomos na área de Direitos Humanos.

Camila – Renato, das suas quatro candidaturas apenas uma foi para o Poder Legislativo. E tanto o João (*Alfredo*) quanto a sua irmã citaram (*em pré-entrevista*) que você tem mesmo preferência a se candidatar aos cargos majoritários. Por que você tem essa preferência? E você não acha melhor se candidatar a um cargo legislativo porque a probabilidade de se eleger é maior?

Renato – Não é que eu tenha preferência. Vamos pensar assim: em 2006 não tinha alternativa, eu tinha de ser candidato. Em 2008, eu saí de casa para a Convenção (*do PSOL*) determinado a ser candidato a vereador, para ajudar o partido e tal. Muita gente (*falava*): “Ah, você tem de ser candidato a prefeito” (*repete cinco vezes*). Tinha uma pressão muito grande para eu ser candidato a prefeito! Tinha pedido de todo lado. E eu negando, negando, negando. A Soraya (*Tupinambá, ambientalista cearense*), chegou para mim e disse – eu chamei-a, e eu ouço muito as pessoas, sobretudo aquelas com as quais eu tenho uma vinculação afetiva mais sólida, eu não me nego a ouvi-las –, ela disse assim em um canto: “Negar um encargo, às vezes, é um encargo maior do que o encargo que está sendo negado.” E eu disse: “Isso é verdade. Eu vou aceitar.” Pronto, aceitei. A jornalista do jornal *O Povo* (*jornal do Grupo O Povo de Comunicação*) que acompanhou tudo foi lá e me perguntou... E eu chorei, chorei muito. Eu sou muito chorão. Ela acompanhou e fez uma matéria superbonita; ela disse assim: “Por que ao final de tudo você aceitou? Todo mundo aqui dizendo que você tinha de ser candidato a prefeito. Você passou horas sustentando que não ia ser, que não ia ser. Por que ao final você aceitou?” Eu gosto muito de literatura, eu nem leio mais tanto quanto eu lia. Eu me lembrei do Guimarães Rosa (*médico, diplomata e escritor mineiro, 1908-1967*): “O que a vida pede da gente é coragem.” Aí ela *pá!* Botou lá: “Porque a vida pede coragem”. As pessoas começaram a me ligar (*dizendo*): “É isso mesmo! A vida pede coragem!”

Eu não tenho dificuldade necessariamente de me ver parlamentar. A questão é que eu

A equipe perguntou se Renato queria água e ele disse que aceitaria café. Lívia foi correndo comprar café, na Rua General Sampaio, próximo à Faculdade de Direito, antes de a entrevista ser iniciada.

Camila levou um pote de biscoitos amanteigados, pois a entrevista seria feita próxima ao horário do almoço e todos estariam com fome. Ao final da entrevista, Fernando comeu todos os biscoitos restantes no pote.

A entrevista estava prevista para durar duas horas, mas durou aproximadamente duas horas e meia, e Renato insistiu que ainda dispunha de mais tempo para a entrevista, pois tinha reservado bastante tempo para a equipe.

acho que existe um limite no parlamento, eu acho que existe uma lógica no parlamento que é uma lógica às vezes muito autocentrada, ela é produtora de indivíduos que não pensam em um coletivo. Eu digo para as pessoas: "Eu não me nego a ter essa experiência." Em 2010, eu fui o segundo (*deputado federal*) mais votado de Fortaleza! Eu não me neguei. Eu não sou hoje deputado federal porque a regra do coeficiente eleitoral no Brasil tem uma singularidade, que é alvo de uma ação de descumprimento do preceito fundamental. Eu fui o segundo (*deputado federal*) mais votado de Fortaleza e no dia seguinte eu tive de sair na Praça do Ferreira... Eu adoro a Praça do Ferreira, uma coisa que é meu ritual, sempre saio na Praça do Ferreira, sempre tomo caldo de cana com pastel no Leão do Sul (*pastelaria na rua Pedro Borges, no centro de Fortaleza*). Porque o Leão do Sul tem um dos maiores ensinamentos filosóficos da humanidade: a azeitona do pastel tem caroço (*todos riem*). Isso não pode ser esquecido. Quando você vai com muita fome no pastel, lembre-se de que a azeitona do pastel tem caroço. No dia seguinte, as pessoas me chamavam de deputado. "Deputado!" Eu explicava para as pessoas: "Olha, não é assim. Eu tive 114 mil votos, mas existe uma regra e tal." (*Elas falavam:*) "Mas como é que pode?" Eu decidi o seguinte: eu tenho de ir. Mesmo *moorto* de cansado. Eu tenho de agradecer. Tenho de explicar para as pessoas por que eu não fui eleito. Eu sempre tive uma relação muito boa com idosos e teve uma senhora (*que*) veio: "Meu deputado! Parabéns!" E eu fui explicar para ela. E ela calada, olhando. Ela disse assim: "Mas você continua sendo meu deputado" (*todos riem*). Eu achei isso lindo! Teve um senhor que... Eu adoro esse negócio da Praça do Ferreira porque todo mundo tem uma conversa, *né*? Aí o cara: "Rapaz, você com essa *ruma* de voto não foi eleito? Como é que pode? Quanto é que você gastou?" E a nossa campanha é toda transparente, bancada com dinheiro de indivíduos, com cartão de crédito. Ele disse assim: "Rapaz, isso é dinheiro de um carro velho, por isso

"Eu não faço carreatas, eu faço *bicicleata*. (...) Isso não é porque a gente não tem dinheiro, não. Isso revela, na estética, uma ética."

A equipe de produção, ao descobrir que Renato era fã de José Saramago, resolveu presentear-lo com o livro *Ensaio sobre a Lucidez* do autor português. O livro foi entregue a Renato ao final da entrevista.

que você não foi eleito". Agora, eu, naquele momento, cumpri tarefas e eu gosto de fazer o debate através das políticas públicas. E vincular o debate da política concreta com o mais geral que *tá* acontecendo na sociedade. Agora, digamos que não houve a Reforma Política e ela não aconteceu exatamente para esmagar (*enfatizando*) as minorias que não topam. O jogo é duro, o jogo é pesado! Por isso que a azeitona do pastel tem caroço e o caroço é grande, nesse caso. Não foi feita reforma eleitoral exatamente para esmagar as minorias. Vocês sabiam que, formalmente, pelo Regimento da Câmara (*dos Deputados*) a gente (*o PSOL*) não pode ter liderança? É tão draconiano o negócio do esmagamento das minorias que nem liderança formalmente a gente pode ter na Câmara Federal. Os caras querem esmagar a gente.

Hugo – No conjunto de todas as suas candidaturas o que você reconhece como erro e arrependimento? Tem alguma frustração?

Renato – A frustração maior foi não ter sido eleito em 2010. Uma frustração muito grande, em 2012, foi a gente não ter conseguido combater o fundamentalismo... Nas últimas semanas (*de campanha*), vocês não têm ideia do número de mensagens de tom intolerante que eu recebia, por temas como aborto, maconha, casamento entre pessoas do mesmo sexo. Era gigantesco! E o aprendizado foi que, para a lógica do sistema, como eles têm muito dinheiro, eles montam produtos. Eles não têm candidatos, eles têm produtos. Eles contratam marketeiros, eles montam produtos. Primeiro aprendizado foi o seguinte: o jogo é muito pesado e nós não podemos mimetizar, não podemos nos assemelhar. Cada projeto político tem de ter a sua ética e a sua estética. Uma campanha é um ato de comunicação, ela tem de estar baseada na estética que revele uma ética. Vocês (*se*) lembram das (*minhas*) campanhas? Eu não faço carreatas, eu faço *bicicleata*. A gente não usa carro de som enlouquecidamente. Eu faço rodas de conversa, eu converso com as pessoas. É uma campanha mais de corpo a corpo. É vinculado a isso. Isso não é só porque a gente não tem dinheiro, não. Isso revela, na estética, uma ética. Estética é filosofia, é pensamento, estética revela um lugar no mundo. Um jeito de ver o mundo e de representar o mundo. Esse é um grande aprendizado. Não mimetizar o esquema marketeiro do sistema, (*é*) muito importante a gente ter esse aprendizado. O jogo é muito desigual, nós não estamos de igual para igual, nós estamos resistindo. Nós não seremos iguais, nós estamos resistindo contra o sistema, *nadando contra a maré*.

Portanto, as regras são feitas muito

contra nós, muito para não permitir que os discordantes tenham (*voz*). A vida não se resolve na eleição. Lembra aquela frase clássica do (*Geraldo*) Vandrê (*cantor e compositor paraibano*): “O mundo não se resume a festivais.” O mundo não se resume a eleições. Ou seja, o sentido da eleição é desnudar, falar de ideias que normalmente não são faladas, convidar, convocar, compartilhar, chamar as pessoas para depois (*da eleição*). Eu sempre digo: “O que é que vai ser de nós depois do dia três de outubro?” Na época da campanha eleitoral as pessoas ficam muito abertas, né? Quantas vezes na sua casa você fala de política? Às vezes você só fala na época da eleição. Por que a gente não consegue, às vezes, transformar força eleitoral em força política organizada? Não é uma resposta fácil. Não é culpa minha ou culpa do outro. Sobretudo nas retas finais, eu digo: “Olha, nós temos de ficar juntos (*repete três vezes*) depois de outubro (*repete duas vezes*). O mundo não vai terminar no dia três de outubro.” Que este ano é cinco de outubro, né? O mundo não termina depois de cinco de outubro. Vai amanhecer o dia seis, vai ter o dia sete, no dia oito o *seu Zé* vai lá, de novo, acordar cinco horas da manhã para pegar o ônibus lotado. Então, nós temos de estar juntos não é no ato... O ato do voto é um ato que, inclusive, pode ser pequeno diante de tamanhas tarefas que a gente tem de ter. Isso não é simples. Por quê? Porque as pessoas, às vezes, se vinculam ao ato do voto. Elas falam: “Eu votei em você.” Que é um ato de confiança, um ato de apoio, um ato generoso, um ato de intimidade. É tão interessante isso. Quando você vai para a praça, a pessoa olha para você e ela tem uma certa intimidade. Ela dá um: “*Ei, má.*” (*todos riem*).

Naiana – Você considera as campanhas como vitoriosas?

Renato – Das ideias?

Naiana – É, nas ideias, de chamar a atenção da população para certas pautas e promover o debate.

Renato – Em parte, sim. Houve crescimento eleitoral em todas essas campanhas, né? Se você pensa em 2006, 2008 e 2012; analise a eleição de 2012 (*para prefeito*). Havia dez candidaturas muito sólidas. A gente fez uma campanha ali no.... (*bate na mesa duas vezes*) Na reta final, a gente quase não tinha dinheiro para papel. Eu fiz um esforço gigantesco! (*Pedi emprestado*) Cartão de crédito de amigo, teve o esforço da transparência, tudo ali, fazer programa, fazer roda, tudo e tal. Muita gente que está hoje militando começou a militar nas campanhas. Por exemplo, um dia desses eu encontrei uma menina... A sede do PSOL (*na Avenida do Imperador, no Centro*) fica ali



“Na reta final, a gente quase não tinha dinheiro para papel. Eu fiz um esforço gigantesco. (*Pedi emprestado*) Cartão de crédito de amigo (...)”

perto de uma série de colégios, então tinha muito estudante que passava, entrava, ouvia o debate e tal. Teve um dia desses que uma estudante chegou para mim e disse assim: “Poxa, eu fui me interessar por política naquelas campanhas, naqueles debates ali.” Isso é um resultado gigantesco! O mundo inteiro está dizendo para ela ser individualista, egocêntrica, narcísica, consumista. Olha o ato de desapego: ela entra por uma porta lá (*e pensa:*) “Ah, aqui tem uma galera que pensa umas coisas, assim, meio diferentes e tal”. E ela olha as ideias e se identifica e começa a ler e ver e começa a andar. Isso para mim já é muito importante.

Camila – Você é uma figura pública, mesmo sem mandato. Quais motivos você apontaria para isso?

Renato – Ah, o fato de eu não ter sido eleito (*todos riem*).

Camila – Não, mas você é uma figura pública mesmo sem ter um mandato. O que você acha que as pessoas veem em você e elas reconhecem em você, mesmo sem você ser uma figura pública lá (*em Brasília*), oficial,

Após a entrevista, Renato tirou uma foto com toda a equipe da entrevista. Além disso, ele também tirou foto com a equipe de produção e outra com Hugo, que, imediatamente, postou a foto dele com Renato no *Facebook*.

Após a entrevista com Renato, parte dos entrevistadores e a fotógrafa foram almoçar juntos no Restaurante e Bar Dona Chica, na Avenida da Universidade, e comentar o que tinham achado da entrevista.

O professor Ronaldo Salgado não pôde acompanhar a equipe no almoço pois estava adoentado e saiu da entrevista direto para o hospital. Na tarde do mesmo dia, Livia entrou em contato com Ronaldo que a informou que estava se sentindo melhor.

“Obviamente eles (Luizianne e Elmano) olham para mim e têm uma avaliação negativa do caminho que eu trilhei.”

das instâncias (*formais*)?

Renato – Muita gente acha que eu sou deputado, sabe? Porque me veem em eleição. Um dia desses eu fui em um restaurante e a pessoa me viu e ela não sabia como me tratava, porque ela não sabia se eu era deputado, se eu não era deputado... E ela: “Deputado...” (*E eu:*) “Não, eu não sou deputado”. Às vezes a gente acha que todo mundo está informado sobre tudo e não tá, né?

Aconteceu um fato superinteressante e eu sempre gosto de contar essa história. Meu irmão, Marcelo, é muito parecido fisicamente comigo, ele dá aula na Unifor (*Universidade de Fortaleza*) e ele é juiz, então ele não pode se candidatar, nem ter militância partidária. E ele dá aula de Direito Eleitoral. Teve um aluno dele que chegou assim: “Votei em você!” (*todos riem*). Outro perguntou assim: “Como é que você pode se candidatar se você é juiz?” (*todos riem*). Outro dia ele me mostrou uma prova que estava direcionada a mim. O cara preencheu na prova: “Professor: Renato Roseno” (*todos riem*).

Eu acho que eu tenho a oportunidade de fazer um debate público e eu acho isso relevante. Antes de eu me candidatar, alguém me conhecia? Talvez. Pelos debates públicos na área de Direitos Humanos. Talvez. Se eu me tornei conhecido a partir dos debates das (*campanhas*) majoritárias? Sim, é óbvio. A pessoa está aqui sentada na frente da televisão, olha lá o debate da TV XYZ, tem aquele cara ali, tem um monte de gente de paletó e tem aquele cara que não está de paletó, que diz umas coisas diferentes e tal. O cara presta atenção e começa a olhar. Vocês não têm ideia do número de mensagens de intolerância que eu recebo. De intolerância! Semana passada na minha página (*do Facebook*), a pessoa entrou e me chamou de anticristo, terrorista, comunista e gayzista (*entrevistadores exclamam surpresa e perplexidade*). Gente, não é simples! Você paga um preço por pensar contra a maré.

Pedro – Renato, desde a época da faculdade, na sua relação com a política, você teve pessoas que o influenciaram, no bom sentido. E algumas delas hoje ocupam um grande espaço na política do Ceará. Por

exemplo, a Luizianne Lins (*ex-prefeita de Fortaleza, 2008-2012*) e o Elmano de Freitas (*secretário de Educação do município na gestão de Luizianne e candidato a prefeito em 2012*). Eu queria saber como é a sensação de ser adversário político dessas pessoas, como vocês foram (*adversários políticos*) na prefeitura duas vezes, que têm uma história de amizade e companheirismo com você. Como você lida com isso?

Renato – É ruim, né? Não chega a ser constrangedor, mas é desconfortável. Tratamo-nos sempre com respeito. Eu acho que isso é importante. Tem uma frase do Victor Serge (*jornalista e anarquista russo, 1890-1947*), em *Memórias de um Revolucionário*, que eu nunca esqueci: “A coisa mais difícil no embate revolucionário é você enxergar o humano que há do outro lado da trincheira”. Ele estava falando de um troço superdifícil que é uma guerra civil, ele estava falando da memória dele na guerra civil. Portanto, não é debater na TV que todo mundo toma cafezinho e aperta a mão e cada um vai dormir na sua casa. Porque uma coisa é vocês serem amigos, mas por caminhos que vocês optaram, vocês construíram trajetórias antagônicas, divergentes, mas vocês não têm de se exterminar a outra pessoa, por exemplo. Então, vocês podem manter traços de respeito. É desconfortável? É óbvio que é. Você olha, você vê, você lembra as palavras que foram proferidas juntos e hoje as palavras que são proferidas em separado. Obviamente eles (*Luizianne e Elmano*) olham para mim e têm uma avaliação negativa do caminho que eu trilhei. É óbvio! Eu não espero que eles tenham uma reflexão. E eu não esperava que eles trilhassem o caminho que eles trilham e eles não esperavam que eu trilhasse.... Nós temos caminhos divergentes.

Hugo – E aos olhos deles você é o dissidente.

Renato – Ah, sim, é verdade. Ao olhar deles eu sou o cara que tomei uma atitude que não deveria ter sido tomada num determinado momento que era de construir uma outra organização política. Eles estão

“Aquela expressão que o poder muda as pessoas? Eu não concordo. Revela. Quanto mais poder (se) tem, suas crenças vão estar mais colocadas à prova”

No dia da avaliação da entrevista, todos estavam tão ansiosos que a aula nem tinha começado e já estava a equipe quase completa na sala, o que não é comum. Ao final da avaliação, todos se sentiram como se tivessem passado por uma terapia de grupo.

na mesma organização política que nós estivemos nos anos 90. Eles olham isso, eles têm essa diferença. E eu fui trilhar outro caminho em uma outra organização política.

Pedro – Na teoria isso era para acontecer, você separar suas ideologias e suas relações pessoais, mas na prática (*como são*) as suas relações com as pessoas do PT? Porque fica um certo trauma, né? Você tinha amigos. Isso o afetou muito? Pessoas recriminaram ou pararam de falar com você?

Renato – Sim. Várias pessoas. Tem gente que hoje... Não vou dizer que me odeia, mas que tem muita raiva de eu ter trilhado esse caminho. Tem gente que não entende. E elas nem me cumprimentam. E há pessoas que eu não quero cumprimentar porque eu faço avaliação negativa de caráter. E isso é anterior ou por causa da política. Porque determinadas pessoas quando chegaram a determinadas funções... Vocês já ouviram aquela expressão que o poder muda as pessoas? Eu não concordo. Revela. Às vezes, a personalidade está ali. Porque quanto mais responsabilidade e poder (*se*) tem, seus princípios, suas crenças vão estar mais colocadas à prova. E eu de fato me decepcionei com algumas pessoas que, quando ocuparam determinadas funções de Estado, revelaram o contrário daquilo que durante anos haviam empregado. Pense no número de pessoas que estavam juntas lá nos anos 1990 e olhe onde é que estão (*hoje*). Em alguma medida, alguns desistiram

da militância política, foram cuidar das suas vidas individuais, o que é legítimo, muito legítimo. Outros optaram por manter-se no projeto governista. Outros optaram, no meu caso, por constituir um projeto alternativo. Acho que isso está no campo das possibilidades e isso é legítimo. Eu não tenho ranço, (*nem*) rancor.

Lívia – Você disse que discorda da expressão que diz o poder corrompe as pessoas, mas revela. Como você pretende lidar com isso assumindo um cargo majoritário? Você tem medo de decepcionar as pessoas que votam em você?

Renato – Sim, tenho muito medo. E é bom que eu tenha medo. O medo pode ser imobilizador, mas também pode ser um alerta. Um alerta de: “Olha, baixa a bola”. Hoje a ocupação de cargos majoritários pela esquerda tem de ter sentidos muito precisos. Você não consegue avançar de dentro do Estado, você só consegue avançar na rua, tem de ter povo, tem de ter gente querendo avançar. Você consegue fazer isso. O que faz uma sociedade se transformar é isso que eu estou dizendo. O que muda o Planalto (*Central, grande platô que se estende pelos estados do Centro-Oeste brasileiro, onde está localizado a capital Brasília*) não é o Planalto em si, é a planície. Tem que ter gente ocupando a rua, uma nova geração foi às ruas em (*junho de*) 2013, ela está aprendendo que ocupar a rua é relevante. Essa geração está aprendendo que lutar vale a pena!

Para o processo de edição, Lívia e Camila se reuniram no Laboratório de Informática do CH II, e permaneceram lá até que a saída delas foi solicitada, pois estava na hora do laboratório fechar.



Chegando em casa, as duas tentaram se comunicar por *Skype* e *Facebook* para finalizar a edição, mas nada deu certo. O jeito foi recorrer ao bom e velho telefone em uma ligação que durou quase duas horas.